

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

MARIA EDUARDA MATHIAS

**COMUNICAÇÃO POLÍTICA, REDES SOCIAIS E FEMINISMO:
A PERCEPÇÃO POLÍTICA NA PÁGINA MULHERES UNIDAS CONTRA O
BOLSONARO**

São Borja

2019

MARIA EDUARDA MATHIAS

**COMUNICAÇÃO POLÍTICA, REDES SOCIAIS E FEMINISMO:
A PERCEPÇÃO POLÍTICA NA PÁGINA MULHERES UNIDAS CONTRA O
BOLSONARO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Mérli Leal Silva

São Borja

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M431c Mathias, Maria Eduarda

Comunicação política, redes sociais e feminismo: A percepção política na página
mulheres unidas contra o Bolsonaro / Maria Eduarda Mathias. – 2019.

59 p.

Orientadora: Mérli Leal Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade

Federal do Pampa, Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, 2019.

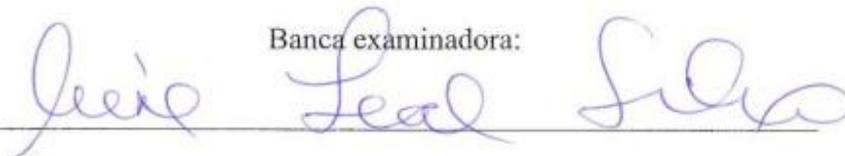
1. Comunicação política. 2. Movimentos Sociais. 3. Feminismo. 4. Mulheres
Unidas Contra o Bolsonaro. 5. Redes sociais. I. Título.

**COMUNICAÇÃO POLÍTICA, REDES SOCIAIS E FEMINISMO:
A PERCEPÇÃO POLÍTICA NA PÁGINA MULHERES UNIDAS CONTRA O
BOLSONARO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Publicidade e Propaganda da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Comunicação Social,

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05/12/2019.

Banca examinadora:



Prof. Dra. Merli Leal Silva

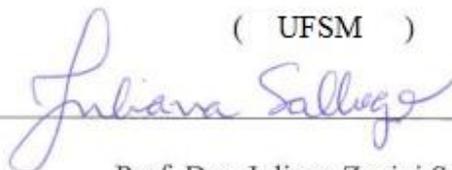
Orientadora

(UNIPAMPA)



Prof. Me. Camila Rodrigues Pereira

(UFSM)



Prof. Dra. Juliana Zanini Salbego

(UNIPAMPA)

AGRADECIMENTO

Primeiramente, todas as conquistas que tive e que pretendo ter, agradeço e dedico à minha geradora: minha mãe, minha melhor amiga, meu bem maior, que sempre me deu asas para voar e confiou nos céus que decidi percorrer e galhos que pousei, estando presente para me socorrer durante minhas quedas e galhos que me feriram. Não mais importante, agradeço à minha tia Sandra, como minha segunda mãe, que sempre esteve por perto em cada fase e evolução que tive como pessoa e como mulher e, que sempre foi um exemplo de mulher e educadora para mim, possibilitando e me motivando nesse percurso acadêmico. Agradeço ao meu pai, pelas conversas nos bares onde jogamos muita conversa fora, mas onde sempre me ensinou, de uma forma ou outra, sobre vivência dentro dum mundo vasto ao qual quero me lançar. Agradeço aos meus filhos pets, em especial, ao meu Bebê, o qual carregou tatuado em meu braço e eternamente em meu coração e que me ensinou muito sobre amar e cuidar, essa conquista é pelos quatro anos que passei sem doar meu carinho e cuidado a um ser que sempre me ensinou muito mesmo sem falar.

Agradeço a todos os professores, sem exceção, que tive nessa trajetória, cada um com suas características, métodos, pensamentos e discussões que me desenvolveram dentro e fora da universidade, demonstrando a mim, a importância e qualidade das Universidades Públicas do Brasil, em especial, a Unipampa. Um muito obrigada à minha orientadora Mérli Leal Silva, a qual tive como referência nas aulas de redação e me mostrou muito além de técnicas, mas o impacto de trabalhos de cunho social dentro de uma área gananciosa como a Publicidade e Propaganda, a publicidade muda perspectivas e se humanizada e conscientizadora é ainda mais rica. Obrigada à Camila e Juliana que aceitaram fazer parte da minha banca e foram exemplos de professoras e mulheres que orientam os alunos para a vida.

Agradeço a todos que já passaram pelo meu caminho nesse tempo, aos quais permaneceram e aos quais foram passageiros, carregou de cada um, uma boa lembrança, um bom momento, uma risada ou um trago e também, as dificuldades e lições que muitas vezes precisei escutar para tomar decisões e atitudes e demonstrar quem realmente sou: uma mulher livre. Tudo foi contribuinte com o meu amadurecimento e até mesmo para escolha da vertente deste trabalho.

Dentre tantas pessoas, ressalto as famílias que convivi nesse período, em especial, as primeiras “gurias do D7” que me adotaram e me ensinaram a conviver, a respeitar e criar laços afetivos diante ao maior dos desafios que é aprender sobre a convivência com pessoas tão diferentes enquanto minha família se encontra a milhas de distância.

*“Eventualmente
aqueles que tentaram
arrancar as nossas asas
é que vão ficar paralisados
quando notarem que foi isso
que nos fez descobrir
que há muitas maneiras de voar.”*

(Rayne Leão)

RESUMO

O presente trabalho foi concebido na intenção de contextualizar e identificar fatores que influem e modificam as circunstâncias políticas atuais dentro de um movimento social que causou impacto nas ruas, nas redes e nas mídias tradicionais, o movimento “Ele Não”. Através dos métodos e técnicas utilizados como a pesquisa bibliográfica, a análise de conteúdo e a hermenêutica de profundidade, buscamos compreender as percepções sobre política, feminismo e conservadorismo nas eleições de 2018 e pós a posse presidencial de 2019 dentro dos comentários da página do Facebook Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro, bem como a interpretação de formas simbólicas como ideológicas podem ou não sustentar relações de dominação na sociedade.

Palavras-chave: Comunicação política. Movimentos Sociais. Feminismo. Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro.

ABSTRACT

The present work was conceived with the intention of contextualizing and identifying factors that influence and modify the current political circumstances within a social movement that impacted the streets and social networks, the “Not Him” movement. Through the methods and techniques used as bibliographic research, content analysis and depth hermeneutics, we look to understand the perceptions we seek to better understand the perceptions of politics, feminism and conservatism in the 2018 elections and after the 2019 presidential inauguration from the comments of the Women United Against Bolsonaro Facebook page, as well as if interpretation of symbolic and ideological forms are able to sustain relations of domination in the society.

Keywords: Political communication. Social movements. Feminism. Women United Against Bolsonaro.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Desenvolvimento metodológico do Enfoque Tríplice..... | 33 |
| Figura 2: Imagem da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro..... | 36 |
| Figura 3: Imagem de perfil da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro | 37 |
| Figura 4: Capa da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro..... | 37 |
| Figura 5: Gráfico de posicionamento dos sexos na página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro..... | 39 |
| Figura 6: A esquerda x A direita. | 46 |
| Figura 7: Haddad e Lula pela direita..... | 47 |
| Figura 8: O Terceiro antipetismo..... | 48 |
| Figura 9: A Dissimulação da Direita. | 51 |
| Figura 10: A Eufemização política..... | 51 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Categorias de conteúdos..... | 40 |
| Tabela 2: Período I – principais percepções políticas reforçadas..... | 41 |
| Tabela 3: Período II – principais percepções políticas reforçadas..... | 44 |
| Tabela 4: Modos de operação da ideologia nos comentários a favor do MUCB..... | 52 |
| Tabela 5: Modos de operação da ideologia nos comentários a contra o MUCB..... | 53 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 MOVIMENTOS SOCIAIS E COMUNICAÇÃO..... | 15 |
| 2.1 Feminismo como movimento político | 17 |
| 2.2 A construção dos gêneros dentro da comunicação..... | 19 |
| 3 COMUNICAÇÃO POLÍTICA EM TEMPOS DE TECNOLOGIA..... | 21 |
| 3.1 A despolitização na conjuntura das eleições de 2018 | 23 |
| 3.2 representatividade e apropriação dos discursos políticos de 2018 | 26 |
| 3.3 O movimento Ele Não..... | 27 |
| 4 REDES DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA | 28 |
| 4.1 A construção do discurso político em rede | 29 |
| 5 METODOLOGIA..... | 31 |
| 5.1 <i>Corpus</i> da pesquisa | 35 |
| 5.2 Análise dos dados | 39 |
| 5.3 Ideologias e seus modos de operacionalização..... | 52 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 53 |
| REFERÊNCIAS..... | 54 |
| ANEXOS..... | 58 |

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais são historicamente resultantes de lutas em busca de mudanças em diversas conjunturas da sociedade, deriva-se de insatisfação, exclusão, opressão e desigualdade. Enquanto houver essas adversidades, as ações coletivas estarão presentes como estratégias para cobrar ou tentar modificar as leis ou uma organização. O movimento feminista, um dos temas que fundamentam o presente trabalho, é decorrente da luta da mulher pelos seus direitos igualitários, trilhando um caminho para a desconstrução do sistema patriarcal que perdura há séculos. As mulheres que, tradicionalmente sempre foram atreladas a ideia de uma feminilidade frágil e fútil, encontraram no feminismo um posicionamento e movimento crítico para confrontar, transformar e conquistar seu reconhecimento, seus direitos e justiça social.

Após a ditadura militar que perdurou mais de duas décadas no Brasil, (de 1964-1985), segundo Gohn (2012) a democracia foi restabelecida e passou a assimilar novos valores e a compreender os direitos do indivíduo na sociedade. O movimento “Ele Não”, se desenvolveu de forma digital e causou grande repercussão no Brasil nas eleições de 2018. Com várias declarações contestáveis, o atual presidente da República Jair Bolsonaro, demonstrou durante toda a campanha eleitoral, o desprezo pelas reivindicações de igualdade sexual e racial, além de diversas falas que infringem os Direitos Humanos e outras comunidades como a LGBTQI+¹. Em resposta a essa postura, foram criados movimentos contrários à sua candidatura, ocorrendo manifestações em todos os estados do país e no exterior como em Berlim, Buenos Aires, França, Londres, Lisboa, Nova Iorque², entre outros.

Diante do pânico social que se instaurou no Brasil, frente à polaridade política e de projetos, as mulheres de diversas raças, crenças, orientação sexual e direção política uniram-se e encontraram nas redes sociais um meio de se apoiarem, de se exporem e discutirem o rumo político do país. Em meio a esta circunstância, nosso problema de pesquisa é: quais as percepções políticas presentes nos comentários da página Mulheres

¹ A sigla LGBTQI+ existe como representatividade para a comunidade que se identifica como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais e Pansexuais ou Assexuais (representados pelo +). Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/voce-sabe-o-que-significa-a-sigla-lgbtqi/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/atos-de-mulheres-contrario-bolsonaro-reunem-milhares-em-mais-de-30-cidades.shtml>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

Unidas Contra o Bolsonaro. O objetivo geral da pesquisa é analisar o discurso político presente nos comentários dentro da página. Como objetivos específicos, o trabalho se propõe a identificar no discurso analisado percepções sobre política, feminismo e conservadorismo nas eleições de 2018 e pós a posse presidencial no ano de 2019.

A pesquisa apresenta contribuições sociais considerando a reflexão acerca de um movimento atual que segue na luta, em indignação e esperança de soluções e reivindicações dentro do contexto político do Brasil. Tem como bases justificativas científico-teóricas e práticas, que englobam todo o estudo sobre movimentos sociais em seus vários paradigmas, a construção e desenvolvimento do movimento feminista e como as redes sociais modificaram a mobilização e interação social dentro dos movimentos, popularizando-o e confrontando o sistema.

Como justificativa pessoal, sendo defensora dos valores feministas como direitos iguais nos diversos âmbitos, liberdade sobre meu corpo e assistência às demais mulheres, me incluo ao movimento com o propósito de emergir ainda mais nele, além da relevância acadêmica dentro da área da comunicação quanto ao aprofundamento bibliográfico das temáticas e análise da interação e percepção do público em relação às estratégias de comunicação construídas.

Os autores que fundamentam o referencial teórico acrescentam conceitos para aprofundar o estudo. No primeiro capítulo abordaremos os movimentos sociais, suas questões e motivações históricas, seus atores e como se comunicam, além do movimento feminista como um movimento político e seus canais e conquistas e também a construção dos gêneros historicamente, trazendo a desigualdade entre eles para a atualidade. Posteriormente, discutiremos sobre a comunicação política, nos apropriando de conceitos detectados da conjuntura política atual e como a comunicação digital interfere no desenvolvimento político, na opinião e na proporção de interação dos movimentos sociais, bem como as linguagens utilizadas na plataforma Facebook e disseminação das *fake news*.

A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, método bibliográfico, com as técnicas análise de conteúdo (Bardin, 2009) para categorizar e organizar os dados coletados e a hermenêutica de profundidade de Thompson (2009) para interpretar e reinterpretar o discurso presente nos comentários digitais além de identificar as ideologias contidas nos mesmos, analisando fatores sócio-históricos que reafirmem as

relações de dominação e exercício de poder na sociedade, crenças comuns e apropriação das mensagens.

2 MOVIMENTOS SOCIAIS E COMUNICAÇÃO

A comunicação entre o cidadão e um governante vai além da evolução dos meios de massa e desenvolvimentos tecnológicos que a circundam se fazem necessários mecanismos alternativos de comunicação, esses, utilizados por uma parcela da sociedade que inconformada e insatisfeita com o contexto social, político e econômico necessitam de um meio para expressar-se. Para Peruzzo (1999), os sujeitos mobilizam-se, organizam-se, articulam-se e buscam parcerias, não seguindo uma ordem cronológica ou linear, mas os fluxos de construção, fortalecimento ou efemeridade de uma luta, para que haja a participação popular e intervenção no momento histórico, pois “[...] não existe decisão política que não esteja condicionada por aquilo que acontece na sociedade civil³” (PERUZZO, 1998, p.64).

Os movimentos sociais são o coração e a voz da sociedade em busca de seus direitos, conquistas e mudanças, discutindo uma problemática acerca da realidade e promovendo reflexões. Historicamente, são estudados em diversos paradigmas por filósofos e historiadores que os caracterizam identificando suas particularidades, semelhanças e diferenças, bem como seus atores, seus princípios e o que está em jogo. Seu estudo abrange sociologia e política e, na prática, a capacidade individual de mobilizar-se e agir em pluralidade.

A estrutura social é resultante de séculos de construções e desconstruções dentro da sociedade; séculos de história, organizações e políticas que refletem as conquistas, mas também as deficiências identificadas atualmente num sistema de desigualdade. Pode-se dizer que o direito de cidadania impulsiona os movimentos sociais, porém, segundo Durham (1999) “[...] são os movimentos sociais que forjam a cidadania e unificam os interesses e as lutas da população heterogênea.”(DURHAM *apud* PERUZZO, 1999, p. 60.

³ O conceito de sociedade civil apropriado no trecho é trazido por Bobbio (1987), que escreve que: “Sociedade civil é o lugar onde surgem e se desenvolvem conflitos econômicos, sociais, ideológicos, religiosos, que as instituições estatais têm o dever de resolver ou através da mediação ou através da repressão”. Bobbio (*apud* PERUZZO, p. 48)

A educação passa a ser um fator determinante no que é ser considerado um cidadão, visto que, nas primeiras definições históricas estabelecidas por filósofos como Diderot e Locke, ser cidadão é sinônimo de possuir bens e propriedades, além de um conhecimento elevado, o que, na prática, exclui a classe trabalhadora. Seguindo as definições de que o trabalhador não seria capaz de governar suas vidas e agir com consciência política

A educação para a cidadania não faria parte do universo da classe trabalhadora porque ela não seria cidadã. A igualdade natural, inata entre os homens, seria desfeita no plano da sociedade real, pela desigualdade entre cidadão-proprietário e o não cidadão e não proprietário. (GOHN, 2012, p. 16)

O conceito de cidadania se desenvolveu de modo lúdico no século seguinte, as massas e a classe média rechaçadas foram incluídas e educadas, de acordo com Gohn (2012), não com mais direitos, mas com mais deveres perante o Estado que, visando uma harmonia social, tinha o intuito de discipliná-las. Diante aos direitos que o cidadão livre tem aos poderes legislativo, executivo e judiciário, sua exploração e insatisfação foram motores da mobilização em busca da mudança: os movimentos sociais.

Neste contexto, a exploração idealizada no sistema capitalista não pode ser deixada de lado, o descompasso entre a massificação, relações sociais e a miséria fez com que ações coletivas fossem tomadas, essas, focadas na inclusão social. Cientes de seus direitos, o cidadão passou a ter voz ativa em seu meio, podem-se citar desde as associações de moradores e organizações de bairros, quanto a grupos que saíram à luta pela ausência de direitos à moradia, saúde e educação, e grupos que lutam pela sua identidade e liberdade como as mulheres, negros e homossexuais:

Os movimentos sociais populares representam estruturas novas que podem vir a contribuir na formação de um duplo poder. São criações da sociedade civil, que a vão democratizando, exercendo um papel do qual os canais tradicionais de representação não estavam dando conta. (PERUZZO, 1999, p. 69).

Em contrapartida, após o período de redemocratização e ascensão da centro-esquerda, movimentos conservadores e religiosos ganharam força, muitos dos quais, com intenções reacionárias enraizadas. A autonomia e a liderança garantem a legitimidade e estrutura de um movimento, entretanto, no intento de se manterem na luta, a busca de parcerias pode afetar sua evolução quando surge o interesse em partidos políticos, em

sua pluralidade, os atores que compõe a trajetória são diversificados quanto aos interesses partidários, o que pode vir a beneficiar ou afastar os mesmos.

Segundo Gohn (2012), a construção de um movimento é coletiva e, a consciência política de seus atores é um fator constitutivo e se dá através do conhecimento dos direitos e deveres sociais, órgãos e organizações que influem na sociedade, identificação de interesses opostos e as táticas e estratégias a serem adotadas.

A cultura política também é um caráter dos movimentos, se um movimento tem sua construção coletiva, concomitantemente ele constrói o indivíduo a partir de experiências e história; novos métodos, falas e ideias podem ser colocadas em prática. Com a ciência do que é realmente restringido, local de fala e meios apoiadores, futuras mobilizações podem ser estabelecidas de forma que garantam maior êxito, vê-se então, a importância da conexão do passado e do presente; visto que, fatores históricos se repetem socialmente, a resistência coletiva é o que marcará o seu tempo e sua mudança.

2.1 Feminismo como movimento político

A mulher como imagem bíblica se faz de parte do homem e, na realidade, o papel imposto socialmente seguiu sendo o mesmo. A mulher ocupou espaços de submissão e papel coadjuvante por longos anos, precisando provar sua capacidade intelectual que foi posta como inferior ao sexo masculino. Foram grandes precursoras na caminhada em busca da representatividade feminina, desde as mulheres que deixaram seus lares para trabalhar em fábricas e mulheres que se adentraram na educação, na literatura, na sociologia, na psicologia e nas diversas áreas onde atuavam apenas os homens.

O movimento feminista foi construído pela luta dessas mulheres que em meio ao sistema patriarcal não se sentiam representadas apenas como a mulher “do lar” com seus direitos limitados. Se antes sua educação era referente à função de servir a casa, ao marido e aos filhos, foi a “[...] necessidade de uma nova personalidade que conduziu as feministas a abrir trilhas inéditas para a mulher” (FRIEDAN, 1971, p.71).

Na longa trajetória dentro da educação, nas décadas de 50 e 60 a mulher que se lançava aos estudos em escolas e faculdades, ainda enfrentava barreiras impostas pelos próprios educadores, “Em vez de abrir novos horizontes e mundos mais vastos, o educador orientado para o sexo ensinava a adaptar-se ao mundo do lar e da criança.”

(FRIEDAN, 1971, P. 137). O sexo feminino estava sujeito a uma vida doutrinada, sem desenvolver o senso crítico, sem perspectiva de sucesso, espaço ou orgasmos.

Vê-se então como o movimento feminista é ao mesmo tempo um movimento político, no qual independente da vertente escolhida, as mulheres que no século passado eram masculinizadas dentro sociedade pelos seus ideais contrários ao patriarcado e ao sistema religioso que entende a feminilidade e fertilidade como uma dádiva de Deus, se atreveram a reivindicar ideologias, criaram diversas possibilidades através de seus manifestos e ativismos para conquistar direitos, levantar pautas e se adentrar em diversos âmbitos. O sentimento e a necessidade da mulher caminhar em busca de novos rumos ainda são atuais e, dentro do movimento, historicamente, temos que destacar que:

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado “sufragismo”, ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a “primeira onda” do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento. (LOURO, 2011, P. 19)

Após a conquista tardia do sufrágio, o que possibilitou que as mulheres propusessem pautas perante o Estado, o movimento foi enfraquecido, pois o voto era considerado a conquista do direito final. No Brasil, entretanto, as pautas de direitos ligados à discriminação e igualdade de gênero foram levantadas em meio à ditadura dos anos 70, de acordo com a autora Pitanguy (2002), o feminismo se caracteriza como movimento político, pois possibilitou que a interlocução com o legislativo e espaços institucionais fosse alcançada para que as mulheres denunciassem a desigualdade estrutural, a violência e a insuficiência de políticas públicas que atendam ao gênero em suas mais diversas distinções de classe e raça como as mulheres negras, rurais e as mulheres indígenas:

[...] apesar desta diversidade entre feministas e movimentos femininos, na luta contra a ditadura, uma frente de luta comum reuniu mulheres de origens diversas que incorporaram, em seus espaços específicos de ação, propostas e demandas oriundas dos grupos feministas, particularmente aquelas relativas à educação, ao trabalho e a violência doméstica e sexual. (PITANGUY, 2002, P. 05).

Esses grupos conquistaram canais que beneficiam as mulheres como O Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, a Procuradoria da Mulher, a lei “Maria da Penha”⁴ instaurada em agosto de 2006 que coíbe a violência contra a mulher, a “PEC das domésticas”⁵ de junho de 2015 estabelecida no governo da primeira presidente mulher eleita no Brasil no ano de 2010 Dilma Rousseff, entre outros. Apesar das conquistas, a representatividade da mulher dentro da política ainda é mínima quando comparado aos 52% das mulheres que compõem o eleitorado brasileiro⁶,

Na pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva⁷ em meio às eleições presidenciais de 2018

9 em cada 10 mulheres afirmam não se sentir representadas pelos políticos em exercício. Além disso, metade delas acredita que a política é o principal caminho para diminuir as desigualdades entre gêneros.

Em compensação, nas eleições de 2018 quando comparadas às de 2016, “[...] o número de mulheres eleitas na Câmara dos Deputados dobrou, elegeu-se a primeira mulher indígena – a deputada federal Joênia Wapichama (Rede-RR).”⁸

Na chamada “segunda onda” do feminismo, que se deu no final da década de 60, o movimento preocupou-se além das questões sociais e políticas, voltando-se para as construções teóricas e históricas do gênero, segundo Louro (2011), as mulheres passaram a escrever e ensinar sobre seus interesses e pretensões, combatendo o ideal dos papéis impostos socialmente e culturalmente a cada sexo e ainda àqueles que justificam a desigualdade remetendo às características biológicas.

2.2 A construção dos gêneros dentro da comunicação

⁴ Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm>. Acesso em 01 de nov. de 2019.

⁵ A PEC das domésticas é uma lei complementar que regulamenta o trabalho doméstico, seus artigos e providências estão disponíveis em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp150.htm>. Acesso em 01 de nov. de 2019.

⁶ Dado informado pelo Tribunal Superior Eleitoral que demonstra a desproporção de mulheres votantes e mulheres na política. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Marco/mulheres-representam-52-do-eleitorado-brasileiro>>. Acesso em: 01 de nov 2019.

⁷ Pesquisa divulgada na matéria “Maioria e decisivas: quem são as mulheres que votam no Brasil” por Clara Cerioni. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/maioria-e-decisivas-quem-sao-as-mulheres-que-votam-no-brasil/>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

⁸ Dados do segundo relatório “Outras Vozes”: Gênero, Raça, Classe e Sexualidade nas Eleições de 2018. Disponível em: <<http://www.internetlab.org.br/pt/desigualdades-e-identidades/lancamento-outras-vozes-genero-raca-classe-e-sexualidade-nas-eleicoes-de-2018/>>. Acesso em: 13 de nov. de 2019.

A desigualdade sexual encontrada nos mais diversos âmbitos sociais é uma construção histórica. Atualmente, podemos ver em dados e notícias diariamente os resultados desse sistema que propõe uma dissimetria entre salários, empregos, políticas públicas, representatividade feminina na política e a imagem sexualizada da mulher, a qual sofre um índice crescente de agressão e homicídio.

Novamente, a educação adentra a essa discussão, pois segundo Louro (2011), é ela que fundamenta a construção do homem e da mulher referente a tudo que os cercam como classe social, etnia, orientação sexual e padrões vistos ou ensinados desde a infância, isso inclui o próprio significado de gênero não apenas como uma palavra, mas o contexto no qual ela se insere.

Além das atribuições biológicas do sexo, quando falamos de gênero, estamos nos referindo a sua construção histórica, na qual são dados papéis sociais e culturais aos gêneros, “Essas relações sociais são construídas no ambiente familiar, na escola, nos espaços religiosos e nas relações de trabalho”. (SANTOS, REZENDE e MARTINS, 2018, p. 17) ⁹. O gênero não se limita a dicotomia ser homem e ser mulher, mas na diferença dessa existência ou sua equivalência e também nas múltiplas identidades que coexistem, ressaltamos, por exemplo, o não-binário ou gênero-queer, além da identidade racial, de classe e sexual de cada um, “Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder”. (LOURO, 2011, p. 45), esse fator será retomado posteriormente dentro das análises desta pesquisa e conceituado por Thompson (2009).

O padrão de gênero difundido socialmente desde a família separa meninos e meninas com uma existência social “naturalizada”, definindo e estabelecendo linguagens, atributos e comportamentos para cada um. É comum ouvirmos expressões como “meninas usam rosa”, “meninos usam azul” ou “meninas devem brincar de boneca”, “meninos jogar futebol”, isso demonstra os papéis sendo atribuídos desde a infância.

Em séculos passados, a função das mulheres era restrita a atividades domésticas, por exemplo, essa herança é trazida na constituição teórica das desigualdades de gênero, uma herança que reflete atualmente nos empregos e salários, na forma de se vestir e na

⁹Plano estadual dos direitos da mulher 2018-2021 do estado do Paraná. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/direitos_mulheres/planoestadual_direitosmulheres_2018a2021.pdf>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

restrição do autoconhecimento do corpo feminino, evitando também a educação sexual na infância, o que é repudiado por conservadores. Jeffrey Weeks fala do surgimento de um “novo moralismo”:

O paradoxo político do fim dos anos setenta e começo dos oitenta é que foram os moralistas tradicionais – ou, ao menos, seus descendentes da última geração – os que reconheceram a oportunidade que oferecem a nova complexidade política e o aumento da importância da política sexual. A eles se soma a velha esquerda, que fracassou abertamente em sua intenção de responder às novas políticas. Portanto, e cada vez mais, o programa político contemporâneo sobre temas relacionados com o sexo está sendo elaborado não por uma esquerda libertária, mas por uma direita moral. Jeffrey Weeks *apud* (LOURO, 2011, P. 134).

O novo moralismo foi citado há décadas e se faz presente intensamente dentro da comunicação de massa e na chamada política neoliberal, o corpo da mulher e a liberdade e respeito das identidades são discutidas por elites classistas e eclesiásticas; o que deveria ser debatido e votado na perspectiva da saúde e educação é vendido com um falso moralismo.

3 COMUNICAÇÃO POLÍTICA EM TEMPOS DE TECNOLOGIA

A comunicação fez-se necessária desde a antiguidade, antes mesmo da presença dos meios utilizados atualmente, a escrita e a comunicação oral já eram essenciais e estudadas na Idade Média. Com a revolução da comunicação de massa, diversos formatos de mídia foram desenvolvidos a fim de propagar informações, ideias e padrões e, através da Internet, um marco dessa revolução, contribuiu-se diretamente para a modificação do cotidiano, visto que, uma mensagem pode ser repassada de muitos para muitos com alcance global.

A discussão sobre a construção do *ciberespaço*, a autonomia, o poder, a segurança e a busca de identidade que ele dispõe é abordada por diversos autores, se em sua concepção, a Internet se predispôs como um espaço de liberdade e autonomia, questionamos como as lideranças políticas, os movimentos sociais, divulgação de notícias e apropriações de mensagens estão sendo conduzidas nesse meio?

A segunda década do século XXI viu emergir um novo tipo de mobilização de massa mais multicêntrica e capaz de abrigar uma diversidade jamais noticiada de estéticas e discursos – muitos deles até mesmo contraditórios. Esse novo jeito de protestar tem sido muitas vezes transportado e amplificado principalmente por dispositivos móveis de comunicação (smartphones, tablets e tantos outros) e pelos sítios de redes sociais (principalmente Twitter, Facebook e Youtube). (NATANSOHN; REIS, 2017).

As revoluções tecnológicas que ocorreram durante os séculos reconfiguraram os movimentos sociais e também o sistema político e a forma de se fazer “politicagem”. A comunicação de massa possibilitou novas estratégias na esfera política, como exemplos, a introdução do audiovisual nas campanhas eleitorais e debates ao vivo que influem diretamente na opinião pública,

Por se dirigir prioritariamente à massa, a política que se apoia na comunicação social ter-se-ia tornado, de algum modo, plebiscitária, isto é, dependeria da aprovação ou da reprovação direta dos públicos. Com isso, perderiam importância e efetividade as instituições e estruturas que se apresentam, historicamente, como a representação do interesse e da vontade dos cidadãos no interior do mundo político, os partidos. (GOMES, 2004, P.04).

De acordo com Chomsky (2013), vê-se recorrente na história a esmagadora propaganda política e suas relações públicas que prezam a enfiar *slogans* e políticas públicas numa democracia vazia repetitivamente, a fim de que o cidadão seja apenas espectador da ação facilitada pela produção de consenso que a mídia propõe, desprezando seu sentimento contra medidas tomadas ou não desenvolvendo seu saber, seu senso crítico e discernimento, assim, o cidadão sente-se sozinho e desorientado. Um indivíduo tendo o poder de debater com outros se torna uma ameaça ao sistema que doméstica sua população à passividade, portanto, as mídias sociais contribuem para a expansão e debate.

Dentro da necessidade do “fazer ver” para a opinião pública, devemos considerar alguns aspectos de muita importância: os canais televisivos possuem um grande poder de manipulação, visto que, possuem um público com determinados aspectos e divulgam suas reportagens e pesquisas eleitorais por conveniência. O segundo fator, se insere dentro do próprio roteiro de marketing dos partidos políticos e de seus representantes, uma vez que há um script a ser seguido, como cita Chomsky (2013), quando um personagem não o segue e parte para um discurso tendenciosamente espontâneo e sem preocupação com a gestão de sua aparência, demandas diferentes são abaladas, podendo ocorrer a polarização política ou o fenômeno da despolitização.

3.1 A despolitização na conjuntura das eleições de 2018

Dentro das mudanças que se sucederam na comunicação política e em seu real propósito num espetáculo que visa atender espectadores que buscam disputas e entretenimento em vez de propostas e soluções consistentes, destacamos aqui, dois conceitos dos quais os partidos e suas demandas se apropriaram ao longo dos anos e que ganhou força nas eleições presidenciais do ano de 2018: a ultrapolítica e a pós-política, os quais foram disseminados no pleito eleitoral, nos meios de massa e redes sociais. Segundo as considerações da socióloga e pesquisadora Sabrina Fernandes do canal do Youtube: Tese Onze¹⁰, a ultrapolítica consiste na construção de um inimigo dentro da sociedade, porém, desconsidera os verdadeiros antagonismos sociais.

Uma estratégia que opera como uma forma de despolitização dos indivíduos, o que não significa que haja menos debate ou interesse por política, mas sim, uma mudança de foco. Dentro disso, ressaltamos como inimigo da direita o “antipetismo”, o qual é baseado em algumas presunções que não se opõem exatamente a estrutura funcional da esquerda, mas sim ao Partido dos Trabalhadores. No vídeo explicativo “De onde vem seu antipetismo?”¹¹ do canal Tese Onze, Fernandes (2018) classifica três tipos de antipetistas que serão posteriormente importantes dentro da análise do presente trabalho, são eles:

1. O antipetista que vê no PT uma ameaça comunista
2. O antipetista que associa o PT como inventor da corrupção
3. O antipetista que odeia as políticas sociais dos governos do PT

Todas as presunções são justificadas dentro do canal e também por dados e notícias, porém, em meio a um discurso pronto e disseminado inúmeras vezes, o público é persuadido deixando muitas vezes de buscar por informações confiáveis. Primeiramente, desde a concepção do Partido dos Trabalhadores não houve uma visão comunista, quando falamos da era Lula, “A inclusão financeira, especialmente

¹⁰ Canal Tese Onze disponível na plataforma Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC0fGGprijDIIQ3ykWvcb9hg>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

¹¹ “De onde vem seu antipetismo?”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=blAuBwaeqEI&t>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

via consumo, tornou-se um emblema nacional [...]” (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2018).

De acordo com a Revista Congresso em Foco, dos cinco partidos que possuem mais congressistas investigados sob suspeita de corrupção, quem lidera é o PP¹² (Partido Progressista), ex-partido de Jair Bolsonaro por 10 anos, seguido pelo PT, PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e PR (Partido Liberal - antigo Partido da República); ainda com maior número de inquéritos investigados até o ano de 2017 na lista de Fachin, quem lidera é o PMDB¹³.

O terceiro tipo de antipetista, é definido pela socióloga como aqueles que de fato, se opõem à inclusão social, mesmo ganhando lucros com a boa economia engajada pelo consumo, esses, se irritam com a mudança do perfil do mercado de trabalho, o qual foi ampliado e modificado devido às políticas públicas de ingresso ao ensino superior, por exemplo.

Enquanto a direita tomou o antipetismo como maior mobilizador contra a esquerda, a esquerda se viu num contexto onde as pressuposições citadas acima despertaram preconceitos e ameaças, seu inimigo tornou-se não só o próprio candidato Jair Bolsonaro, o qual proferiu discursos misóginos, homofóbicos, racistas e muito semelhantes aos fascistas, mas também seus eleitores, muitos dos quais reproduziram seus discursos, em meio a isso, o sentimento de medo tornou-se o antagonismo da esquerda, nessa conjuntura, ressaltamos que é:

Importante notar que, em outubro de 2018, durante o período eleitoral, a ONG Safernet contabilizou mais que o dobro de denúncias de violência online, com evidente aumento em categorias como xenofobia, sobretudo contra nordestinos (2.369%); homofobia (350%) e racismo (218%).¹⁴

Em meio a uma eleição presidencial sem a presença ou discurso do candidato que liderava as pesquisas, sem debates, com tentativa de neutralidade e “meios termos” na

¹² “PP, PMDB, PT e PSDB são os partidos com mais parlamentares sob suspeita” por Isabela Macedo. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/pp-pmdb-pt-e-psdb-sao-os-partidos-com-mais-parlamentares-sob-suspeita/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

¹³ “Lista de Fachin: quem são os políticos e os partidos mais citados”. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/04/lista-de-fachin-quem-sao-os-politicos-e-os-partidos-mais-citados-9769781.html>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

¹⁴ Pesquisa realizada pela ONG Safernet divulgada no InternetLab. Disponível em: <<http://www.internetlab.org.br/pt/desigualdades-e-identidades/lancamento-outras-vozes-genero-raca-classe-e-sexualidade-nas-eleicoes-de-2018/>>. Acesso em 14 de nov. de 2019.

corrida eleitoral, evidenciamos também o fenômeno da pós-política, na entrevista cedida à *The Intercept Brasil*¹⁵, Sabrina Fernandes explica o termo como:

[...] um fenômeno de despolitização que se propõe superar a política ideológica. Nesta linha, o problema seria o embate ideológico, como quem diz: “nós ficamos sempre presos nisso, em vez de tirar o melhor de cada lado, negociar e assim fazer o país andar”. Isso também pode ser feito por apelo nacionalista, por exemplo, para quem diz: “nós precisamos trabalhar juntos a favor do Brasil”.

Ou seja, a pós-política age para partidos políticos como forma de ganhos temporários, sem propor novas estratégias ou soluções para os reais problemas da estrutura social ou também para conduzir um plano sem inteligibilidade por trás de uma cortina de fumaça, enquanto parte da população se coloca como neutra, proferindo “nem de direita, nem de esquerda” cercado pela desilusão com a política brasileira e se convencendo com lemas rasos de transparência e anticorrupção. Esse fenômeno afeta principalmente a esquerda, a qual, utilizando-se da pós-política, não consegue responder aos problemas contestados pela oposição e até mesmo pelos seus apoiadores, causando uma fragmentação.

Diante do aumento da violência não só nas redes, mas nas ruas do país, destacaremos também o conceito trazido por Achille Mbembe¹⁶ sobre necropolítica, ou política da morte. A necropolítica se apropria da morte como modo de gestão e de poder, onde os discursos afetam as identidades e os corpos, como o racismo ou “fuzilar a petralhada”¹⁷. Esse tipo de política pode não causar mortes diretamente, mas gere produzindo condições mortíferas a determinadas regiões de riscos, como nas periferias, por exemplo.

O caso de Marielle Franco assassinada a tiros no estado do Rio de Janeiro e outras recorrentes mortes de crianças periféricas além de políticas e discursos midiáticos que abafam os casos e tiram suas memórias gerando melancolia se enquadram no conceito.

¹⁵ “Entrevista: ‘Precisamos construir a ideia de que a esquerda é uma alternativa agora’, diz Sabrina Fernandes” por Juliana Sayuri. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/05/entrevista-sabrina-fernandes/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

¹⁶ Filósofo e teórico político camaronês, escritor do ensaio sobre a Necropolítica. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-leitura-de-achille-mbembe-no-brasil/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

¹⁷ Referente a declaração de Bolsonaro em sua campanha no estado do Acre. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

Ressaltamos ainda, a relação entre a política da morte e a política neoliberal, a chave entre elas se dá no capitalismo no estágio atual, no qual, o sistema não absorve grande parte da população, um poder autoritário não gere sua inclusão nem vela essas famílias, o narcotráfico e as milícias seguem então dizimando essa população.

3.2 A representatividade e apropriação dos discursos políticos de 2018

As eleições presidenciais deixaram mais que fenômenos políticos e antagonismos nítidos, à frente de todo este cenário que provocou uma polarização, fragmentação e fragilidade no país, ressaltamos aqui, o reflexo desencadeado na população. As manifestações mais recentes nas ruas ganharam força no ano de 2013 e em 2014, um estudo realizado pela doutora em Antropologia Social Rosana Machado-Pinheiro demonstra a conversão de pensamento de jovens que aderiram e se beneficiaram das políticas voltadas para o consumo, inclusão social como as cotas raciais e empréstimos financeiros da era lulista para um pensamento neoliberal, as mobilizações das “Jornadas de Junho” de 2013 abriram portas para contestações, muitas delas tendenciosas.

Os jovens que antes promoveram atos de representatividade após conquistarem espaços que antes não tinham acesso junto a um desamparo social despertado pela insustentabilidade das políticas, aumento da violência, crise econômica e a destituição da presidenta Dilma Rousseff em 2016, passaram a demonstrar interesse no até então pré-candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro. Para Rosana Machado-Pinheiro¹⁸:

O que havia ocorrido entre 2014 e 2017 que provocara tamanha transformação na subjetividade juvenil masculina? O que fez com que jovens trocassem as marcas pela iconografia de um político? Em que medida a simbologia do “mito” (de *Bolsomito*, como é informalmente chamado) se diferenciava tanto de outros ícones juvenis?

Mediante as falas e sua imagem simbólica como pulso forte e militar de apelo à ordem, segurança e conservadorismo, os jovens criaram uma admiração, se apropriaram e proferiram sua mensagem em esperança de melhorias. Embora os jovens do sexo masculino se identifiquem com os discursos, o estudo citado aponta que “[...] os meninos

¹⁸ PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo>>. Acesso em: 21 de nov. de 2019.

têm se demonstrado mais retraídos no debate político em sala de aula, enquanto as meninas, com argumentos articulados e com a voz entonada, criticam manifestações que consideram machistas de Jair Bolsonaro, por exemplo.” (PINHEIRO-MACHADO; SACLCO, 2018). A repulsa do público feminino foi fundamental para o movimento que dominou as ruas do país, o qual é o tema central do objeto de estudo neste trabalho.

3.3 O movimento Ele Não

Se por um lado o antipetismo e a onda conservadora movimentaram grande parte da nação, por outro, com um alcance global, o movimento “Ele Não” se desenvolveu de modo midiático e teve grande repercussão em meio a protestos expressivos Brasil a fora, “[...] ninguém poderia prever é que 2,5 milhões de mulheres, cis e trans, de direita e de esquerda, brancas e negras, militantes e mais observadoras, fariam muito barulho e incomodariam muita gente.”(ABREU; DORNELES; GONÇALVES, 2018)¹⁹ Com diversas pautas levantadas e um único propósito: não eleger o candidato Jair Bolsonaro, o ativismo tomou conta de diversas plataformas digitais, os grupos e páginas criadas no Facebook denominadas Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro contabilizam milhões de membros e seguidores, muitos dos quais sofreram perseguições políticas durante o período eleitoral.

A inserção, organização e divulgação nas redes sociais foram fundamentais para sua concretização “[...] e que resultou em uma das maiores, se não a maior, manifestação das mulheres na história do Brasil.” (G1, 2018; ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018). O empoderamento feminino foi imprescindível nesse momento de fragilidade que assolava e amedrontava diversas identidades, as quais se uniram e agiram coletivamente. Ainda no período eleitoral do segundo turno, podemos citar o “vira voto”, uma ação que levou até diversos artistas às ruas na intenção de conversar e esclarecer dúvidas das pessoas que não possuíam uma escolha de voto, conseguindo até mesmo reverter posicionamentos.

A linguagem utilizada dentro do movimento também foi um fato de extrema importância na sua concretização e grandiosidade, Bolsonaro é enunciado de diversas

¹⁹ “Mulheres Unidas contra Bolsonaro”: muito além do ataque cibernético”. Disponível em <<https://diplomatie.org.br/mulheres-unidas-contra-bolsonaro-muito-alem-do-ataque-cibernetico/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

maneiras como, por exemplo, “Inominável”, “Indefensável”, “Coiso” e qualquer sigla que remeta a sonoridade de seu nome já se tornou compreendida no coletivo, como “Bozo”, “Boçalnaro”, “Bolssonaurus” entre outras diversas viralizadas nas redes sociais.

4 REDES DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA

Discutimos anteriormente a construção dos movimentos sociais bem como a constituição sócio-histórica e cultural de seus atores como indivíduos e como um coletivo, além das identidades dos gêneros e a comunicação política junto a seus fenômenos presentes na conjuntura atual, quando toda essa esfera insere-se no âmbito digital, trazemos a tona o impacto das redes sociais tantos propósitos. A internet é concebida como um espaço público, de liberdade e contra poder, visto que, o governo não tem o domínio das redes. É também um espaço de construção identitária, de interação de fluxos e reivindicação de valores e interesses, ela possibilita representação e identificação de tribos:

As redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, criam companheirismo. Essa é uma questão fundamental para o movimento, porque é pelo companheirismo que as pessoas superam o medo e descobrem a esperança. (CASTELLS, 2013, P. 131).

Se a indignação é o fator mobilizante dos movimentos sociais pela busca de justiça, representatividade, dignidade e contraposição às relações de poder. “A passagem da indignação à esperança realiza-se por deliberação no espaço da autonomia.” (CASTELLS, 2013, P.131). O nome dado a este subcapítulo é referente à obra de Castells (2013), no desígnio de reflexão do poder das redes no fortalecimento dos movimentos para que ocupem as ruas. Em sua obra, são citadas diversas revoluções organizadas na esfera digital que propagaram uma mensagem clamando ou ecoando a democracia, pela diminuição da violência e ampliação de direitos, em nosso país:

Várias são as evidências que revelam o processo histórico em prol da democracia e da participação política direta no Brasil até 2016, ano em que este processo sofreu brusca interrupção. Até então, os programas sociais para redistribuição de renda, para inclusão por meio de cotas raciais e sociais e a forte institucionalização dos espaços públicos para deliberação política

coletiva permitiram o início do processo de construção de um *habitus*²⁰ associado a essa nova realidade, resultado do processo de legitimação de novos discursos, antes alijados de poder. (SILVA; BRAGATTO; SAMPAIO, 2016, P.123).

Os meios técnicos de transmissão se desenvolvem diariamente, as linguagens e estratégias presentes se moldam, entretanto, pelo contexto social e seus aspectos, os movimentos sociais que no Brasil que vêm se enfraquecendo devem, portanto, apropriarem-se da rápida interação e autonomia das redes, a fim de persuadir e entusiasmar o processo de ação coletiva nas ruas.

4.1 A construção do discurso político em rede

As plataformas de mídia possibilitam a troca de informações, entre elas, há distinção de linguagem e formatos, promovendo alcance e impacto distintos dependendo do tema abordado. Jenkins (2008) traz em sua obra a relação de três conceitos que são: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva.

No mundo da convergência das mídias, tudo que é circulado tem importância e, é contado em diferentes vieses a ideia do receptor passivo torna-se retrógrado, visto que, todos acabam produzindo um sentido e interagindo, o consumo de informações é coletivo e, seus consumidores buscam informações, fazem conexões e interpretações, as quais se dão pelas percepções, este fator envolve o comportamento social como indivíduo e dentro da sociedade, incluindo seu grupo, posicionamento, status e papel.

Dentro da Psicologia Geral podemos classificar o tipo de grupo e características cognitivas, afetivas e comportamentais embora os pensamentos e sentimentos estejam inferidos nas pessoas, demonstrando que, influências culturais, conhecimentos e maneiras modificam a recepção e interpretação pessoal, “[...] a produção coletiva de significados, na cultura popular, está começando a mudar o funcionamento das religiões, da educação, do direito, da política, da publicidade e mesmo do setor militar.” (JENKINS, 2008, p. 31).

²⁰Habitus denota o conjunto de disposições construídas pelos indivíduos, orientando suas ações e valores, sendo estas introjetadas, apreendidas ao longo da vida de acordo com as suas condições sociais e históricas Bordieu *apud* (SILVA; BRAGATTO; SAMPAIO, 2016, P.123)

Integrando-nos a estes conceitos, nos atemos no poder de persuasão através da construção de uma mensagem na comunicação, visto que, a convergência das mídias edificou a ponte entre receptores que assumem papel emissores criando interpretações e significações e interpelando debates que atingem meios externos no domínio da vida política “[...] onde estão as práticas, as habilitações, os valores, a cultura e as ações da política que eventual e parcialmente se tornam objeto da narração mediática.” (GOMES, 2004, p. 02).

Destacamos aqui, a reprodução e o impacto das *fake news* (notícias falsas), um destaque das eleições de 2018, construídas e reproduzidas por partidos políticos e pela população. De várias outras construções comunicativas que poderíamos citar, as *fake news* foram um fator determinante no pleito eleitoral, demonstrando que a ampliação de consumo de informações nas redes forma e muda opiniões, mas também apontando a falta de questionamentos e busca de veracidade dos fatos

As notícias falsas podem ser consideradas não apenas em termos da forma ou conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a sua circulação. Nesse sentido, o significado das notícias falsas não pode ser totalmente compreendido fora da sua circulação online. (DELMAZO; VALENTE, 2018).

As *fake news* foram veiculadas nas mais diversas plataformas e redes sociais, o aplicativo *Whatsapp*, por exemplo, banuiu mais de 400 mil contas do Brasil²¹

Nas eleições passadas, o uso de redes sociais no país foi marcante. Simpatizantes de Jair Bolsonaro –presidente eleito e crítico dos meios tradicionais de comunicação– se valeram dessas plataformas para se comunicar e divulgar informações de campanha. (REUTERS, 2019)

as notícias falsas circuladas no período além de beneficiarem e prejudicarem os lados e as reais propostas e intenções dos partidos, manipulam de forma sensacionalista seus públicos específicos.

Embora o encaminhamento de mensagens seja prático no *Whatsapp*, o *Facebook* não ficou de fora, com milhares de usuários pelo mundo, permite grande e rápida interação, com o compartilhamento de notícias e criação de grupos e *fanpages*, os quais

²¹REUTERS, 2019: “WhatsApp: contas foram banidas entre 15 de agosto e 28 de outubro de 2018”. Disponível em: </ <https://exame.abril.com.br/tecnologia/whatsapp-baniu-400-mil-contas-do-brasil-durante-eleicoes-de-2018/>>. Acesso em: 11 de dez. de 2019.

funcionam como um espaço para que as pessoas conversem algo de interesse em comum, citamos aqui como exemplos, páginas como MBL - Movimento Brasil Livre, Direita conservadora, Política de Verdade, Jair Bolsonaro Presidente 2018 que são de interesses para a direita, Jovens de Esquerda, Esquerda Diário, Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro de relevância para a esquerda e também informativos como Política Estadão.

De acordo com os dados divulgados na revista Exame²² em julho de 2018, o *Facebook* contava até então com cerca de 125 milhões de usuários brasileiros mensalmente ativos em sua rede social. As novas redes, de fato, reconfiguraram um sistema e introduziram novas linguagens, as hashtags²³ por exemplo, embora mais utilizadas no Twitter, são vetores de identificação, discussão e repercussão de determinados assuntos ou tendências e têm gerado bastante mobilização em comunicação publicitária e ações conflitantes em comum, como ocorreu no objeto de estudo deste trabalho, a página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro, além da manipulação de memes e imagens para reforçar ou replicar um argumento.

5 METODOLOGIA

Para a finalidade deste estudo, utilizamos a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, já que dados numéricos não são prioritários, mas sim, o aprofundamento do conhecimento e características de um grupo. A pesquisa bibliográfica é “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2010, p. 27).

Através de livros, artigos, teses, notícias, documentários e plataformas digitais como canais no Youtube, foram estabelecidos o conhecimento e análise histórica dos movimentos sociais, adentrando as suas ideologias e evoluções, passando para a construção do movimento feminista desde seus primeiros passos, a fim de analisar os valores reforçados pelas mulheres e as pautas discutidas em questão de desigualdade e construção dos gêneros, com foco no sistema político brasileiro atual, bem como a

22 Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/facebook-chega-a-125-milhoes-de-usuarios-no-brasil/>>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

23 A hashtag (do inglês hash = # + tag = etiqueta) é uma maneira de identificar e agrupar conteúdos, facilitando a pesquisa de informações correlatas. Para tanto, basta colocar o símbolo # adiante de alguma palavra-chave ou frase e ela irá automaticamente ser agrupada a todas as outras similares, utilizadas naquela plataforma digital. (Graciela Natansohn Josemira Silva Reis, 2017, p.07). Em: Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a “Primavera Feminista” brasileira

contribuição das redes sociais para a ampliação dos debates acerca desse e de outros movimentos sociais e suas construções diante a massificação sexista.

Para responder o problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos no trabalho quanto à percepção política (não estamos focando na política partidária, mas sim, na visão das temáticas do trabalho construída dentro desse universo e em sua construção sócio-histórica) utilizamos a técnica interpretativa hermenêutica de profundidade (HP) com a técnica análise de conteúdo dos comentários da página do Facebook Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro.

A análise de conteúdo é “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” (BARDIN, 2016, p. 37), utilizada a longa data, segundo a autora, a partir da criação da imprensa, das evoluções metodológicas e desenvolvimento tecnológico, o método foi se aperfeiçoando, não cabendo mais apenas a descrever algo ou se limitar à dicotomia de pesquisas quantitativas ou qualitativas.

No processo metodológico da análise de conteúdo de Bardin (2016) dividimos as três fases cronológicas: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A fase inicial de análise consiste nos primeiros contatos com o que foi analisado para uma organização de objetivos e hipóteses, essa atividade é denominada “leitura flutuante” e nela é demarcado uma amostragem dentro do universo sobre o fenômeno observado que obedeçam as regras de homogeneidade e pertinência, ou seja, que possuam uma mesma temática e que correspondam aos objetivos e órbita deste trabalho.

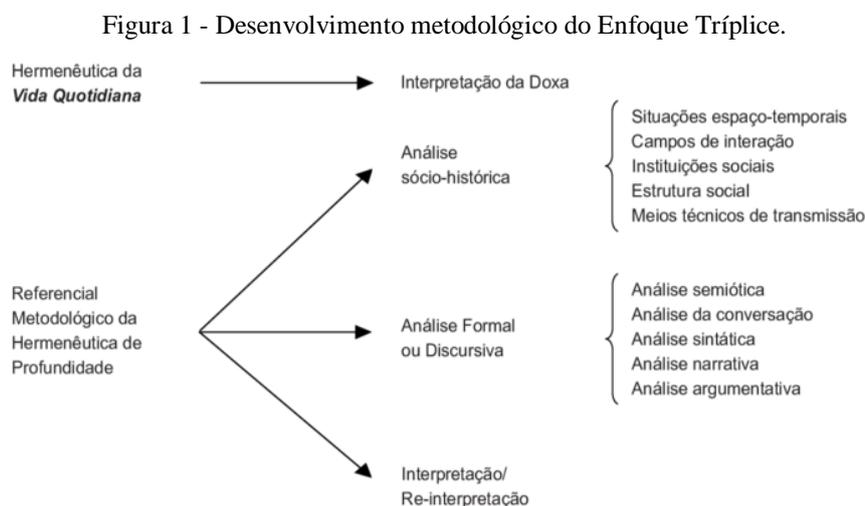
Após essa prévia, foi iniciada a exploração do material para a sua codificação. Sua categorização foi realizada por tema, a qual é utilizada para estudar características como “[...] motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc.” (BARDIN, 2016, p. 135). Por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo, torna-se muito importante a relevância do contexto exterior da mensagem e em quais circunstâncias ela foi expressa, principalmente tratando-se de mensagens políticas.

Na interpretação dos dados foi utilizada a técnica da inferência, não se atendo apenas a descrição, mas abrangendo diversos polos como do emissor, mensagem, receptor e o canal, detectando semelhanças e diferenças entre os elementos organizados para uma reinterpretação. Para interpretar os comentários categorizados, utilizamos a hermenêutica de profundidade, conforme John Thompson (2009). A interpretação das

formas simbólicas como ideológicas implica a análise da construção do significado, das relações e contextos sociais específicos, onde as formas simbólicas são produzidas e recebidas e como elas podem sustentar determinados tipos de relações sociais:

A interpretação da ideologia se apoia sobre cada uma das fases do enfoque da HP, mas ela toma essas fases de uma maneira particular, com a finalidade de realçar as maneiras como o significado serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. A interpretação da ideologia é uma interpretação das formas simbólicas que procura mostrar como, em circunstâncias específicas, o sentido mobilizado pelas formas simbólicas serve para alimentar e sustentar a posse e o exercício de poder. (THOMPSON, 2009, P. 377-378)

As fases e articulação da hermenêutica de profundidade são dispostas na figura abaixo:



Fonte: Thompson, 2009, p. 395

Aplicando esse método iremos analisar situações espaço-temporais que contribuem para a formação da percepção dentro dos comentários analisados, bem como a identificação de fatores da estrutura social e dos meios técnicos de transmissão, no caso, a rede social. Dentro da análise discursiva, buscaremos reconhecer o que o discurso mostra e esconde e onde há conteúdo político e seus argumentos de formação. Na interpretação e reinterpretação apontaremos como os discursos ajudam a manter e sustentar relações de dominação, quais percepções políticas os comentários mostram e o significado das mensagens e suas apropriações cotidianas, denominado por Thompson (2009) como interpretação paradoxal.

Identificaremos os modos de operação da ideologia trazidos pelo autor em algumas de suas estratégias típicas de construção simbólica as quais são: Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação. O autor esclarece que esses modos não são as únicas maneiras de como a ideologia opera e que, elas podem operar junta uma reforçando a outra ou se sobrepondo a outra.

Dentro da legitimação há três possíveis estratégias: a Racionalização, na qual é construído um raciocínio com a finalidade de defender ou justificar um conjunto de relações para persuadir um grupo; a Universalização que se caracteriza pela busca política de apresentação de interesses como interesse universal deixando em aberto para possíveis adesões e tendências; a Narrativização, na qual as exigências de legitimação “[...] estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.” (THOMPSON, 2009, p. 83).

A Dissimulação opera ocultando, negando, obscurecendo ou desviando a atenção diante de processos e relações existentes, pode se proceder através do Deslocamento, Eufemização e Tropo. O Deslocamento consiste em referir-se a um sujeito ou objeto mencionando outro, designando características positivas e negativas para esse outro sujeito/objeto. A estratégia de Eufemização é uma construção simbólica a fim de fomentar uma valorização positiva das ideologias dos partidos políticos ou de seus públicos. O Tropo é um conjunto de estratégias que empregam o uso figurativo de linguagem (sinédoque, metonímia, metáfora):

[...] é uma característica bastante comum do discurso cotidiano, que é uma maneira eficaz de mobilizar o sentido no mundo sócio-histórico, e que, em certos contextos, o sentido mobilizado desse modo pode estar envolto com poder, podendo servir para criar, sustentar e reproduzir relações de dominação. (THOMPSON, 2009, p. 86).

A Unificação, o terceiro modo de operação da ideologia, busca uma unidade a fim de estabelecer uma identidade coletiva e pode ocorrer como Estandarização/padronização ou Simbolização da unidade. A padronização, por exemplo, é utilizada pelo Estado para desenvolver uma linguagem nacional, nesta estratégia as formas simbólicas são adaptadas a um padrão. A Simbolização da unidade na Unificação cria uma representação coletiva a fim de construir uma identidade e identificação.

O quarto modo é a Fragmentação, a qual acrescenta que as relações de poder podem se estruturar e se manter através da segmentação de indivíduos ou grupos, criando um desafio aos grupos dominantes ou se opondo potencialmente a um alvo perigoso. Neste modo, há duas típicas estratégias de construção simbólica: a Diferenciação e Expurgo do outro.

A Diferenciação é “a ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes [...]” (THOMPSON, 2009, p. 87). O Expurgo do outro, constitui na criação de um antagonista tratado como um desafio pelo qual os indivíduos devem se unir.

No quinto e último modo de operação da ideologia, a Reificação, as relações de poder podem ser criadas e sustentadas através da eliminação ou ocultação sócio-histórica dos fatos. As estratégias cabidas a esse modo podem ser a Naturalização, Eternalização e Nominalização/passivização. A Naturalização implica conceitos e desigualdades formadas e reforçadas historicamente na sociedade como algo normal, muito semelhante a Naturalização, a Eternalização enfatiza o como essas questões históricas dentre tradições e costumes são difíceis de serem rompidos, são então apresentados como permanentes. As estratégias de Nominalização e Passivização “[...] apagam os atores e a ação e tendem a representar processos como coisas ou acontecimentos que ocorrem na ausência de um sujeito que produza essas coisas.” (THOMPSON, 2009, P. 88).

5.1 *Corpus da pesquisa*

As declarações, pretensões e discursos realizados durante o pleito eleitoral no Brasil, denunciaram naturalmente ideologias e pautas que já eram questionadas na sociedade há tempos como a desigualdade de gênero; essa entra aqui, como fator político, pois dentro desse sistema regido contrastantemente por homens, se definem políticas públicas que afetam o gênero feminino em suas diversas identidades. Com destaque à bancada evangélica e à política neoliberal que lideraram e repercutiram uma onda de conservadorismo e ataques aos movimentos resistentes, o corpo e liberdade da mulher são diretamente prejudicados.

Dentre diversos grupos e contas que juntam milhões de mulheres na luta contra o presidente Jair Bolsonaro, o objeto de estudo escolhido para esta pesquisa é a página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro (MUCB), a qual foi criada em 11 de setembro de 2018, aproximadamente um mês antecedente ao primeiro turno das eleições presidenciais do Brasil e, atualmente segue ativa contando com 268.574 curtidas e 269.565 seguidores, com uma média de 3 a 12 postagens diárias, compartilhando conteúdos de fontes como a Revista Fórum, O Globo, Estadão e, utilizando-se de imagens retiradas da plataforma Twitter, memes e outras contas ativas com temas similares.

A utilização dessas fontes na construção de suas mensagens reforça a convergência das mídias trazida por Jenkins (2008) abordado anteriormente, pois dentro do objeto estudado, visualizamos a apropriação de conteúdos já circulados por outros meios e plataformas, ou seja, a emissora da página antes de compartilhar os dados, foi espectadora, acrescentando suas percepções históricas e culturais, criando conexões e interpretações com o meio e deixando sua crítica na legenda como na publicação abaixo:

Figura 2 - Imagem da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro



Fonte: Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro

Em seu perfil há um selo de reconhecimento pela empresa Facebook com a conquista de 30 mil *likes* em apenas um dia, além de ter organizado um evento internacional denominado “Mulheres Contra o Inominável” para um público de 2.610

convidados na cidade de Boston nos Estados Unidos em 29 de setembro de 2018, reforçando o poder local e global do campo digital.

Em suas informações, a MUCB se posiciona como uma página de entretenimento e deixa como descrição “Somos mulheres unidas contra aquele que não deve ser nomeado. Mulher não vota em misógino! #EleNão”, dispondo também de uma loja na qual é membro desde o mesmo período, na qual encontra-se camisetas com frases usadas no movimento.

O contato com o gerenciamento da conta é através do Messenger, o qual foi pretendido no início deste trabalho com intuito de um estudo de caso a fim de detectar as motivações das líderes da página MUCB, porém não houve retorno. Durante os primeiros meses de 2019, o *e-mail* exposto no perfil também foi apagado, não disponibilizando de mais informações quanto a(s) sua criadora(s) ou moderador(s), tais situações podem ser vistas como um reflexo da situação política atual e a proporção da polaridade que se encontra dentro do país, causando muitas vezes o sentimento de medo.

Figura 3 - Imagem de perfil da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro



Fonte: Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro.

Figura 4 - Capa da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro.



Fonte: Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro.

Em relação a sua estética visual, há a predominância das cores rosa e amarelo. Sua imagem de perfil possui uma silhueta feminina contendo o nome da página e, em sua capa, apesar do forte contraste da cor, podemos visualizar em segundo plano imagens de um cartaz do MRT (Movimento Revolucionário de Trabalhadores), a simbologia do movimento feminista negro e mensagens como “justiça por Marielle²⁴” e “nossa luta” também em cartazes em meio a um protesto.

A cor rosa, de acordo com Farina; Perez; Bastos (2006) é atrelada ao feminino, simbolizando encanto e amabilidade, o amarelo, por sua vez, pode remeter a ação e poder e, quando disposta junto a uma cor contrastante como vemos neste perfil, pode despertar impulsos de adesão, sendo uma boa opção de uso dentro de um movimento presente no âmbito digital.

Perante o contexto em que a página foi criada e seu público-alvo, seus seguidores podem ser definidos como parte de um grupo, de acordo com Olmsted *apud* (BRAGHIROLI; BISI; NICOLETTO; RIZZON, 2003, p. 66) a definição de grupo é “uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo significativamente importante em comum”, ou seja, suas características, interesses, crenças entre outros fatores são possivelmente o “algo em comum”.

Isto é, o objeto deste estudo apesar de ser uma página pública, funciona como um meio de socialização onde os indivíduos possuem padrões comportamentais habituais entre si que foram adquiridos ao longo de suas vidas e que possuem o propósito de mudança externa ao seu meio, este fator reforça o conceito da percepção, a qual pretendemos analisar.

²⁴ Mensagem referente ao caso de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL – Partido Socialismo e Liberdade – que foi assassinada junto a seu motorista a tiros em março de 2018, o caso ainda não foi solucionado.

A princípio, tivemos o intuito de analisar os conteúdos postados nos primeiros dias de criação da página do movimento, a fim de visualizar as primeiras percepções do público considerando que seu engajamento foi impactante, entretanto, devido a falhas técnicas da plataforma Facebook, não foi possível o acesso ao primeiro mês de criação da mesma, portanto, os dados a serem analisados foram escolhidos por conveniência, contendo percepções políticas do público que acessa ao conteúdo da página. Selecionamos 14 publicações da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro, sendo essas, 7 durante o período eleitoral do segundo turno até o dia das eleições que ocorreu entre os dias 07 a 29 de outubro de 2018²⁵ e 7 publicações posteriores a sua posse em 2019, durante os meses de Janeiro e Fevereiro. Foram coletados um total de 1398 comentários, sendo 973 no primeiro período selecionado e 425 no segundo período, tendo alguns deles sido deletados aleatoriamente durante a trajetória.

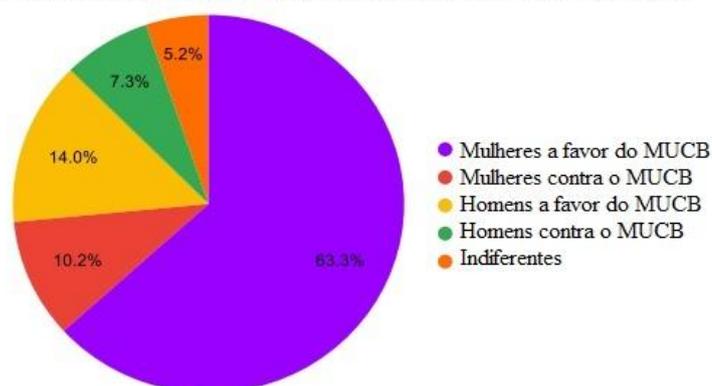
5.2 Análise dos dados

Embora a página seja direcionada ao público feminino que se posiciona contra o presidente Jair Bolsonaro, observamos a presença do sexo masculino e de opositores ao movimento de ambos os sexos. Através dessa observação, formulamos um gráfico, no qual apontamos os posicionamentos nos comentários perante o apoio ou oposição ao movimento, esses dados, foram contabilizados considerando um comentário de cada pessoa, visto que, muitos desenvolvem um debate e interação repetidamente dentro de uma mesma publicação. Consideramos como Indiferentes os indivíduos que se expressaram “nem contra”, “nem a favor” ou simplesmente nulos e desesperançosos com o movimento e com a política brasileira. Os quais argumentaram o apoio a um dos partidos que até então disputavam no segundo turno (PSL e PT) foram encaixados nas demais categorias contidas na legenda.

Figura 5 - Gráfico de posicionamento dos sexos na página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro.

²⁵ De acordo com o calendário eleitoral disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/eleicoes-2018-datas.ghtml>. Acesso em: 12 de out de 2019.

Posicionamento dos sexos na página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro



Fonte: autoral.

Para categorizar e analisar as percepções dentro dos comentários coletados, fizemos um recorte e delimitamos quais possuem posição ou argumento político em seu discurso ou imagem manuseada, o que inclui os temas: política, feminismo e conservadorismo, com expressões e ideologias recorrentes. Também destacamos as hashtags utilizadas com mais frequência, por ser um fator de viralização do movimento e de sua oposição. Criamos então duas categorias: A favor do MUCB e Contra o MUCB, nas quais a análise discursiva se dará dividida em seus dois períodos (período I e período II).

A partir disso, classificamos os conteúdos desses posicionamentos em quatro outras categorias dispostas no quadro abaixo:

TABELA 1 – Categorias de conteúdos

| Categorias de conteúdo | Descrição |
|------------------------|---|
| Argumentos | Justificativas políticas sobre o porquê apoiar ou não apoiar o Movimento Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro referente à sua candidatura e pós a posse como Presidente da República. |
| | |

| | |
|------------------------|---|
| Informação | Difusões de informações referentes ao pleito eleitoral, aos acontecimentos durante e pós-campanha eleitoral e ao movimento. |
| Viralização | O uso das hashtags mais frequentes durante o segundo turno e pós-posse presidencial. |
| Empoderamento político | Depoimentos pessoais com o intuito de união e adesão ao Movimento ou oposição e dominação política. |

Fonte: autoral.

O primeiro período foi marcado por diversas falácias²⁶ que repercutiram e causaram questionamentos e pautas de visibilidade, ou seja, que precisam de respaldo. Em meio a um segundo turno no qual o até então candidato Jair Bolsonaro não participou dos debates eleitorais nem esclareceu seu plano de governo, além de sua postura tendenciosa perante as declarações à imprensa em questões não somente políticas como o desdém e preconceito racial, homossexual e de gênero, ódio e repúdio ao PT e enfoque à família tradicional brasileira e liberação do porte de armas, mas também adversidades que envolvem sua família.

Esses fatores desencadearam um sentimento de revolta, conseqüentemente, o Movimento Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro ganhou maior notoriedade e posição, com a finalidade de evidenciar e resistir a esses discursos e a tomar as ruas do país. Dos comentários analisados, destacamos os quais evidenciam uma forte reprodução dentro da página e percepção política dos internautas:

TABELA 2 – Período I – principais percepções políticas reforçadas

| Categorias de Posicionamento | Comentários que evidenciam reprodução | Categorias de conteúdo |
|-------------------------------------|--|-------------------------------|
| | “Conheço a história de Cristiane Monção, uma grande mulher, professora, inteligentíssima e bem sucedida. | Empoderamento político |

²⁶ De acordo com os dicionários da língua portuguesa, o termo “falácia”, fundamentado pelo aristotelismo, significa um raciocínio/discurso falso ou equivocado que se apresenta como verdadeiro. Apropriamo-nos aqui, de falácias políticas que se desenvolveram no período mencionado.

| | | |
|-------------------------------|--|---|
| <p>A favor do MUCB</p> | <p>Venceu o machismo e o preconceito e hoje luta por cada um dos seus direitos, além de conscientizar outras mulheres a fazerem o mesmo.”</p> <p>“Não vamos desencorajar!! Força mulheress! Militar até o fim”</p> <p>“Como o símbolo de uma campanha pode ser uma arma!?! Não há esperança no Brasil mesmo!!!</p> | <p>Empoderamento político</p> <p>Argumentos</p> |
|-------------------------------|--|---|

| | | |
|--|--|--|
| | <p>“Olhem a intolerância religiosa: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1886654101630460&id=100008576652319 ridículo esse cara chamando orixás de demônios e criticando o Haddad por aceitar todas as religiões!”</p> <p>“Bolsonaro é popular, então automaticamente tudo o que ele diz, seus seguidores reproduzem. Não tem explicação, nunca quiseram ver os oprimidos (nós) nos "tornando" opressores. Nunca quiseram que nós tivéssemos voz, lugar e razão e, mesmo agora, não é diferente. Eles simplesmente não têm argumentos e querem de toda forma fazer chacota da nossa luta, da nossa causa. Não vão nos calar, doa a quem doer!”</p> <p>“#HADDAD13” “#OBrasilFelizDeNovo”</p> <p>“#ViolênciaNão” “#VivaADemocracia” “EleNão”</p> | <p>Informação</p> <p>Argumentos/ Empoderamento político</p> <p>Viralização</p> |
|--|--|--|

| | | |
|-----------------------------|--|---|
| <p>Contra o MUCB</p> | <p>“é melhor Jair se acostumando”</p> <p>“BOLSONARO: o homem que tirou o vermelho do PT”</p> <p>“Bolsonaro 17 presidente da nação brasileira, chega de ameaças, fake e facadas.”</p> <p>“Direitos Humanos é para o ladrão, criminoso e bandido! Indulto de Natal é para assassinos e bandidos! Todos têm o direito de ter suas preferências e gostos e idéias, pois senão seria uma bestial realidade em que todos são iguais...Comunistas usam um tipo de roupa, o comunismo não deixa comprar carro novo! Pessoal, vão se informar, por favor, Comunismo JAMAIS! Comunismo é contra qualquer</p> | <p>Empoderamento político</p> <p>Argumentos</p> <p>Argumentos</p> |
|-----------------------------|--|---|

| | | |
|--|---|---|
| | <p>tipo de librdade!”</p> <p>“#MarketeirosdoJair”“#B17”</p> <p>“#CampanhaBolsonarodegraça”</p> <p>“#Eusoucaixadoisbolsonaro” #Ptjaperdeu”</p> <p>“Durante toda essa campanha, eu pesquisei os candidatos. Entrei em grupos dos 2 lados, para entender os prós e contras de cada plano de governo. Perdi tempo para estudar o caso LULA, a Lava-jato. Até filme sobre o assunto eu assisti, para entender (Polícia Federal - A Lei é para Todos). Votei no Lula, sim. No primeiro mandato. Confiei nele, como tantos brasileiros. Mas não fiquei cega aos desmandos. Vi a educação dos meus filhos se extinguindo, junto com</p> | <p>Viralização</p> <p>Argumentos/ Informação/</p> |
|--|---|---|

| | | |
|--|---|--|
| | <p>escolas abandonadas e professores despreparados. Vi pessoas que amo, morrerem em fila do SUS, ou em hospitais desequipados. Vi a violência aumentar, e vi (ninguém me contou), o Lula enriquecer, colocar cabresto no nordeste, aparelhar órgãos públicos para trabalharem (?) para a quadrilha chamada PT. Vi colocarem políticos nos ministérios, a lei do troca-troca de votos por cargos. Será que só eu vi isso? Petistas, vamos olhar com carinho nosso país. Você não está rico. Você não tem emprego, médicos, hospitais.... Pare de responder aos que tentam conversar com você dessa forma: "eu sou PT e pronto!" CRESÇA!"</p> | |
|--|---|--|

No segundo período analisado, outras questões tornaram-se mais evidentes. Todos os passos e medidas de Jair Bolsonaro desdobraram a mídia e sua oposição desde a sua posse, a escolha de sua equipe e as primeiras mudanças legislativas tomaram grandes proporções. Enquanto seus eleitores comemoravam uma nova era, a neoliberal no Brasil, pintando-se de verde e amarelo e “debochando” dos petistas e movimentos que ocuparam as ruas, outro sentimento veio à tona, a expressão “eu avisei” passou a denunciar diversos conflitos que tomaram conta do governo ainda em seus primeiros dois meses, além do inconformismo com as políticas adotadas e união do movimento.

TABELA 3 – Período II – principais percepções políticas reforçadas

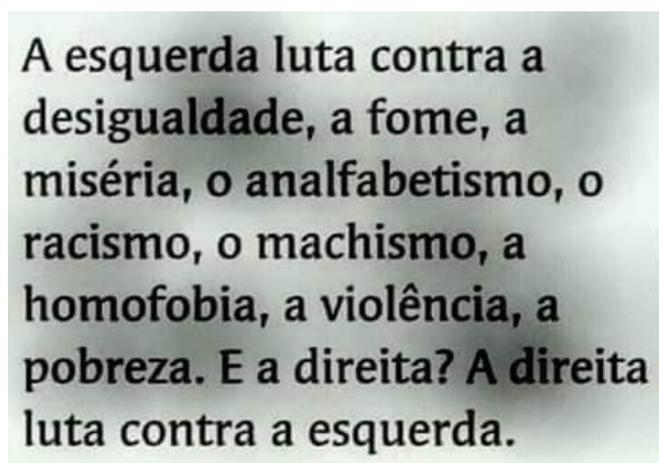
| Categorias de Posicionamento | Comentários que evidenciam reprodução | Categorias de conteúdo |
|-------------------------------|---|--|
| <p>A favor do MUCB</p> | <p>“Praticarei corrupção, mas o Moro é meu pastor, e ninguém me investigará” Bolsonarus 171:17”</p> <p>“1964 chegou, feliz ano velho!!! Parabéns aos imbecis envolvidos hein”</p> <p>“[...] Deixamos a ideologia do ódio vencer. Hoje não se debate, acusam e apelam. Excluíram a mulher e a mulher deixou ser excluída. Se a mulher é assassinada cada vez</p> | <p>Argumentos</p> <p>Argumentos</p> <p>Informação/ Argumentos/</p> |

| | | |
|--|---|------------------------|
| | <p>mais estando em casa, como admitir a posse? Não são facas, balas e cordas que precisam ser eliminadas, o que precisa eliminar é a ideologia da exclusão e do ódio. Só existe uma solução: aumentar a participação política da mulher. Se a população feminina é metade da população é inaceitável o Congresso ter uma participação feminina de menos de 20%(vinte por cento). Façam um partido político, lutem pelo espaço</p> | Empoderamento político |
|--|---|------------------------|

| | | |
|--------------------|---|---|
| | <p>político, quebrem a ideologia dominante. Mudem, antes que morram.</p> <p>“CONVITE</p> <p>Grupo criado para ajudar a esclarecer, apoiar, dar esperança de dias melhores a quem queria saber como imigrar para Portugal. GRUPO DE APOIO A LGBTs, MULHERES E NEGROS EM PORTUGAL, LISBOA https://www.facebook.com/groups/1728064117301944/”</p> | Informação |
| Contra MUCB | <p>o “Meuuuuu como tem invejosos nesse país como diz o ditado os incomodados que se retirem e se conformem Bolsonaro é presidente e não vai dá moleza pra vagabundo.”</p> <p>“Eu vi um homem eleito legitimamente presidente da republica tomar posse de acordo com a vontade soberana exercida pelo povo. Parem de azedar o Brasil por mera falta de respeito a vontade e exercicio da democracia. Parem de achar só vale a vontade de vcs. Povinho de merda!!”</p> <p>“Vai embora esquerdinha”</p> <p>“E a mulher do machista brilhou mais do que ele. Porque será? Gente do PT tem a burrice como patologia”</p> | <p>Argumentos</p> <p>Argumentos</p> <p>Argumentos</p> <p>Empoderamento político</p> |

A categoria de argumentos designa implicitamente ou explicitamente toda a construção sócio-histórica e cultural dos indivíduos presentes nos comentários; aqui, detectamos diversos fatores referenciados anteriormente, seja na pró-atividade e estruturação do Movimento, na escolha de um partido político, na recepção das campanhas eleitorais ou superficialidade das mesmas, na reprodução de discursos, nos sentimentos de ódio ou esperança. A ultrapolítica²⁷ é identificada em ambos os posicionamentos, considerando a determinada circunstancia, vemos como antagonistas o PT e Bolsonaro e uma crítica às suas políticas respectivamente. Os favoráveis ao movimento ressaltam a reprodução e apropriação de um discurso pronto e sem criticidade por parte da direita nacional, o mesmo argumento é aplicado referente à esquerda a qual rebate se atendo às reivindicações de seu lado, como na imagem subsequente:

Figura 6 - A esquerda x A direita.



A esquerda luta contra a desigualdade, a fome, a miséria, o analfabetismo, o racismo, o machismo, a homofobia, a violência, a pobreza. E a direita? A direita luta contra a esquerda.

Fonte: seguidora da página MUCB

Embora a ultrapolítica tenha o intento de tirar o foco de questões importantes dentro da estrutura social e sua conjuntura, os argumentos pró MUCB apontam uma percepção aguçada quanto às políticas criadas ou modificadas em 2019, além do conhecimento de dados e notícias relacionados ao aumento da violência nas ruas devido aos discursos proferidos pelo candidato do PSL, o que comprovamos em dados previamente.

²⁷ A Ultrapolítica por Sabrina Fernandes 2018 é um fenômeno político no qual se cria antagonistas sociais desprezando os reais problemas da sociedade.

O conservadorismo é usado como Dissimulação na estratégia Tropa de Thompson (2009), a metáfora é empregada relacionando o Salmo bíblico “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará” aos supostos esquemas de Caixa 2 de Bolsonaro e o Juiz Sérgio Moro, atual ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil, já que em seu cargo beneficiou a candidatura do atual presidente, quando a esquerda relaciona o conservadorismo a corrupção, detectamos a percepção do falso moralismo e também das relações de poder que as instituições eclesiais e que o poder judiciário sustentam dentro da sociedade.

Após a candidatura de Bolsonaro, seu governo foi comparado a ditadura de 64, consideramos este argumento uma tentativa de Legitimização com o uso da Narrativização, pois a esquerda identifica um fator histórico e o relaciona com acontecimentos atuais que são aceitos como uma tradição aceitável pela direita brasileira, muitos dos quais exaltam a figura militar. Ainda que, a percepção seja adquirida empiricamente, salientamos a característica de “grupo” da página analisada, pois o conhecimento e consciência política de fatos históricos e procedências e ações do governo demonstram uma percepção e propósito comuns entre os atores do Movimento Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro, fator essencial na construção e fortalecimento de um movimento social, como coloca Gohn (2012).

A oposição ao Movimento adentra a esta categoria enfatizando o apoio a Bolsonaro como a esperança da nação brasileira, trazendo argumentos de insatisfação perante as políticas do PT, quando os argumentos são descritos, identificamos a operacionalização da Legitimação com o uso da Racionalização, nessa estratégia é construído um raciocínio justificando a desesperança política quanto ao PT, ao mesmo tempo, defendendo o ideal de um novo governo na tentativa de persuadir os indivíduos presentes nos comentários. Comprovamos aqui, os três tipos de antipetismos que trouxemos no subcapítulo 3.1 sobre a despolitização na conjuntura das eleições de 2018 de acordo com Sabrina Fernandes (2018). Além dos quais se opõem as políticas de inclusão da população marginalizada, percebem e relacionam o Partido dos Trabalhadores ao comunismo e a uma quadrilha, fundamentando esse ódio pela corrupção que precarizou a educação e a saúde do país. Trouxemos como exemplo, duas imagens publicadas nos comentários que enfatizam o antipetismo:

Figura 7- Haddad e Lula pela direita.



Fonte: comentários da página MUCB.

Figura 8 - O terceiro antipetismo.



Fonte: comentários da página MUCB.

Na Imagem 7 além de retomar ao segundo tipo de antipetista, fazem a referência à prisão do ex-presidente Lula, colocando Haddad, candidato a presidência pelo PT em 2018, como ladrão, nesta circunstância opera o Deslocamento, estratégia dentro da Dissimulação, pois referem-se ao Partido dos Trabalhadores mencionando recorrentemente a corrupção ou ao Lula, essa associação atribui, neste caso, todas as conotações negativas dentro da política para o sujeito.

Na seguinte imagem, a direita se apropria de uma frase de união utilizada dentro do movimento Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro, conotando preconceito racial e de classe, o que fica ainda mais explícito quando denominam os esquerdistas de “mortadelas” ou “vagabundos”, expressões reproduzidas frequentemente por Jair Bolsonaro e seus votantes, a reprodução dessas expressões operam como Unificação na estratégia de Simbolização da unidade, na qual uma identidade foi construída para designar a esquerda e os petistas. Enquadra-se também a Fragmentação pelo Expurgo do outro, no qual o PT e seus votantes são antagonistas criados como desafio pelo qual os indivíduos da oposição devem se unir, essa construção simbólica torna-se explícita em comentários como “sai fora esquerdinha”.

Dos comentários analisados, a categoria de informações é mais usufruída pelos apoiadores do MUCB, ela realça a necessidade de comprovações sobre os fatos em meio a uma disputa eleitoral repleta de *fake news*, bem como o uso dessas informações como meio de legitimar a fala dos lados políticos e até mesmo de prestar assistência aos grupos que se sentiram fragilizados durante esse período. Dentro desta categoria, fatores como intolerância religiosa, carência da representatividade feminina na política e meios de amparo às comunidades LGBTs são expostas. O empoderamento político quando empregado nas categorias a favor e contra o MUCB é apropriado de maneiras diferentes, visto que, o conceito de empoderamento é fortemente ligado ao movimento feminista.

Nessa linha de pensamento e construção conceitual do empoderamento como coletividade em busca de visibilidade e conscientização sobre os direitos sociais, os posicionamentos a favor do MUCB percebem os valores feministas presentes na página, pois através dos comentários denunciam o machismo e estimulam a perseverança e protagonismo feminino, citando histórias de mulheres reais que sofreram com a imposição de papéis sociais atrelados a um intelectual inferior ao do homem, na tentativa de romper a relação de dominação patriarcal, a ideologia opera aqui através do rompimento da Reificação – Naturalização e da Legitimação – Racionalização, o que a mulher diz deve ter impacto e reconhecimento, também vê-se então, uma oportunidade perante o grupo de provar a competência profissional do gênero, aspecto que a sociedade cobra diariamente, isso demonstra que muitas mulheres presentes no Movimento se viram questionadas em diversos aspectos ao longo de suas vidas, como mencionado por

Santos, Rezende e Martins (2018), essas relações de opressão ocorrem dentro de suas famílias, escolas e empregos.

A representatividade feminina no Congresso é dada como a solução de políticas que quebrem o sistema patriarcal, como referenciamos neste trabalho, as pesquisas mostram a insatisfação do público feminino perante aos representantes do país, a participação da mulher na política, A desproporção de mulheres na política em relação às votantes é contestada de modo que, verifica-se que a sociedade considera um fator natural, portanto, a Reificação opera através da Naturalização reforçando desigualdades históricas como situações normais, quando a esquerda contesta essa estruturação histórica, a Naturalização se distancia da Eternalização, uma vez que, o MUCB tem o objetivo de incluir e empoderar a mulher no meio político em esperança à ruptura de uma ideologia de ódio e exclusão, a voz feminina incomoda os opressores de gênero, de classe e racial, e são as vozes que empregam o verbo “militar” como forma de luta, se opondo ao caráter partidário de Bolsonaro e de seu vice e à figura do homem como imponente.

A categoria de empoderamento apropriada pelos opositores do Movimento é percebida como forma de dominação política, no qual, os lemas e bordões da campanha eleitoral são utilizados como decisão superior e autoridade, numa tentativa de se mostrarem uma opção forte, dominante e persuasiva, dentro disso, a Legitimação opera pela Racionalização. Por outro lado, o empoderamento feminino é reconhecido na imagem de Michelle Bolsonaro, Primeira-dama do Brasil, em seu discurso de posse presidencial, no qual discursou em libras com o propósito de revelar seu lado ativista pelas causas inclusivas sociais, o que de fato se contrapõe ao plano de governo de Bolsonaro e às medidas tomadas nos meses seguintes.

Na categoria de viralização, selecionamos as hashtags mais utilizadas durante o período I, no qual os lados políticos disputavam a persuasão nacional. Em poucas palavras que serviram para disseminar e fortalecer propostas e ideais, a Legitimação opera através da Racionalização nos dois posicionamentos dentro da página, entretanto, os apoiadores do Movimento utilizam-se também da estratégia de Universalização, apresentando seus interesses como universais, por exemplo, o ato da democracia e o fim da violência, enquanto o opositores, em meio as notícias de esquema de caixa 2 de Jair Bolsonaro o defendem e se auto-intitulam de “marketeiros do Jair”, isso demonstra a Dissimulação através da Eufemização, ou seja, muitos de seus eleitores reconhecem as

notícias mas fomentam positivamente suas ideologias e a união de seus públicos para defendê-lo.

Neste contexto, o público a favor do movimento Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro, simboliza, através de imagens, a Dissimulação da extrema direita brasileira que argumenta ocultando, negando ou desviando a atenção diante de processos e relações existentes que estavam ocorrendo no período:

Figura 9 - A dissimulação da Direita.



Fonte: comentários da página

Figura 10 - A Eufemização política.



Fonte: comentários MUCB.

Além da Dissimulação operando pela tática de Eufemização, as imagens carregam o contexto histórico que veio à tona no período. A Figura 9 retrata a direita de verde e amarelo que em 2016 saiu às ruas fazendo panelaço pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff, alegando a corrupção inaceitável do PT e que no ano de 2019, em meio a parcialidade da justiça, esquemas de corrupção a crimes ambientais deixaram de tomar um posicionamento, apontando a estratégia de Reificação pela Passivização, onde os apoiadores de Bolsonaro apagam os atores e a ação dos acontecimentos. A Figura 10, do mesmo modo, faz emergir um dos temas centrais circulados nas eleições: a ditadura, nela há estampada a feição do Coronel Ustra, torturador no período da repressão²⁸ o qual é enaltecido por Jair Bolsonaro em seus discursos.

5.3 Ideologia e seus modos de operacionalização

Diante do enfoque tríplice e da operacionalização da ideologia na construção simbólica de Thompson (2009), expomo-nas aqui, de forma sintetizada, como é dada essas construções nos comentários

TABELA 4 - Modos de operação da ideologia nos comentários a favor do MUCB.

| Modos gerais | Descrição |
|--------------|---|
| Legitimação | É encontrado na estruturação dos fatos e argumentação contra as políticas da extrema direita, apropriando-se de notícias e fatos históricos que se repetem, além de enfatizarem a necessidade da mulher no espaço político. |
| Dissimulação | É usada através da metáfora em crítica a família tradicional e ao conservadorismo reverenciado pela extrema direita. |
| Unificação | O uso das hashtags como identidade do Movimento: “#EleNão” |

²⁸ “Coronel Ustra, o líder das torturas na ditadura militar” por Tiago Cordeiro, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/retrato-falado-coronel-ustra-o-mestre-das-torturas/>>. Acesso em: 21 de nov. de 2019.

| | |
|--------------|------------------|
| Fragmentação | Não identificado |
| Reificação | Não identificado |

TABELA 5- Modos de operação da ideologia nos comentários a contra o MUCB.

| Modos gerais | Descrição |
|--------------|--|
| Legitimação | Observamos o uso da Legitimação nos argumentos que constroem um cenário favorável para um governo de extrema direita e contra a políticas da esquerda |
| Dissimulação | Os eleitores a favor de Bolsonaro negam ou ocultam os fatos que são comprovados em dados e informações, disseminando as <i>fake news</i> . |
| Unificação | A cor vermelha e a corrupção são associadas ao PT e cria-se a identidade de “vagabundos” ou “mortadelas” para os eleitores do partido. |
| Fragmentação | Através de frases feitas contra o PT e os petistas, o Expurgo do outro é identificado na finalidade da união contra esses antagonistas. |
| Reificação | A direita apresenta um discurso que apoia as heranças dos papéis sociais para os gêneros, além de tradições conservadoras. Em meio à corrupção de seu partido, se mostram passivos quanto ao sujeito que a exerce. |

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho proporcionou uma imersão nas características sócio-históricas e culturais dos movimentos sociais, do movimento feminista, das construções de gênero, da comunicação política e seus fenômenos e das mídias digitais como um campo de criação, identificação e debates. Como principal objetivo analisamos o discurso político presente nos comentários da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro e identificamos as percepções sobre política, feminismo e conservadorismo nas eleições de 2018 e pós a posse presidencial de Jair Bolsonaro em 2019. Ressaltemos que as interpretações realizadas são passíveis de outras interpretações futuras, visto que, a conjuntura social e política influenciam nos períodos definidos e que a interpretação carrega um olhar particular. Acreditamos que a escolha do objeto de estudo enriqueça as perspectivas sociais, teóricas e pessoais, pois se trata de um movimento social atual e de grande impacto digital e político.

Através dos métodos e técnicas que utilizamos, conseguimos por meio das análises dos comentários da página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro, explicitar percepções e ideologias implícitas que reforçam relações de dominação social, machismo e misoginia. Concebemos um gráfico de sexos presentes na página e seus respectivos posicionamentos além da categorização dos comentários pelos tipos de conteúdos e suas interpretações e reinterpretações por meio da hermenêutica de profundidade e a operacionalização das ideologias de Thompson (2009).

Constatamos a forte influência que as construções de gênero cristalizadas historicamente exercem, definindo os locais em que a mulher deve ou não estar. Refletimos, portanto, como a as mulheres politizadas discursam sobre as ideologias do candidato e tomam posição contra ou a favor, utilizando argumentos midiáticos digitais. O movimento feminista conquistou direito e canais de assistência, os quais consideramos ainda recentes, entretanto, as mulheres têm força para quebrar muitas outras barreiras e denunciar as desigualdades em suas diferentes identidades: a mulher pobre, a mulher negra, a mulher periférica, a mulher lésbica, a mulher trans.

A percepção de que a inclusão do gênero é a esperança do país é reforçada em nosso objeto de estudo. A organização do movimento social na plataforma digital é um bom recurso para sua estruturação, bem como a formação e compartilhamento da consciência política dos seus indivíduos. Como comunicadoras, exaltamos a importância de canais plurais de comunicação nos meios digitais, uma vez que eles divulgam

discursos hegemônicos e contra hegemônicos, com poder de legitimação e persuasão. Contudo, acreditamos que a representação e a luta se fazem nas ruas, nas escolas, nos locais públicos e a deficiência dessa representatividade os enfraquece de conquistas.

Categorizamos claramente comentários que ressaltam antagonistas da nação, seja o PT, o Bolsonaro ou o medo (ultra-política) e a mídia e os partidos que através da pós-política agiram sem esclarecimentos, desviando os fatos e sem estratégias concretas para debater com a sociedade os antagonismos sociais. A necropolítica, ou política da morte, é noticiada todos os dias, mortes negras que passam em branco, periferias dizimadas enquanto militares são referenciados pelo governo e seus eleitores como salvadores da pátria. No contexto em que observamos, denunciemos a fragilidade da educação nacional desde a educação básica, o “saber história” que falhou para a população que clama a ditadura e falhou até para o mais privilegiado acesso digital, que disseminou as *fake news*.

As percepções como citamos de acordo com Braghirolli; Bisi; Nicoletto; Rizzon (2003) são adquiridas pela bagagem empírica dos indivíduos, isso adentra ao papel e posicionamento que possuem na sociedade; no decorrer das interpretações dos comentários categorizados, conseguimos enxergar em argumentos a construção de cada indivíduo e o que eles têm a compartilhar, mesmo que superficialmente, pois a internet permite a criação ou representação de identidade ou papel, entretanto, seja com o intuito de legitimação, dissimulação, reflexão ou empoderamento, dentro do debate todos têm por fim, a mesma finalidade: a persuasão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Editora Almedina, 2016.

BRAGHIROLLI; BISI; NICOLETTO; RIZZON. **Psicologia Geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CHOMSKY, Noam. **Mídia Propaganda política e manipulação**. São Paulo: wmf martinsfontes, 2013

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C.L.. **Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques**. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012>. Acesso em 20 de nov. de 2019.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, Wilson. **Sobre a transformação política na era da comunicação de massa**. Artigo. http://www.compos.org.br/data/biblioteca_601.pdf. Acesso em: 19 de nov. de 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

OTTO, Isabella. **Você sabe o que significa a sigla LGBTQI+?** <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/voce-sabe-o-que-significa-a-sigla-lgbtqi/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2019.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: A participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. **Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo/>>. Acesso em

PITANGUY, Jacqueline. **Movimento de mulheres e políticas de gênero no Brasil**. Disponível em: </http://www.cepal.org/mujer/proyectos/gobernabilidad/documentos/jpitanguy.pdf> Acesso em 24 abr. 2019.

LOURO, Guarcira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes,

NATANSOHN; REIS. **Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a “Primavera Feminista” brasileira**. 2017.

NARIS, Natália (coord.), com colaboração de Francisco Brito Cruz, Mariana Valente e Thiago Oliva “Outras Vozes”: **Gênero, Raça, Classe e Sexualidade nas Eleições de 2018**. Disponível em: </http://www.internetlab.org.br/pt/desigualdades-e-identidades/lancamento-outras-vozes-genero-raca-classe-e-sexualidade-nas-eleicoes-de-2018/>. Acesso em: 13 de nov. de 2019.

REUTERS, 2019: “**WhatsApp banuiu 400 mil contas do Brasil durante eleições de 2018**”. Disponível em: </ <https://exame.abril.com.br/tecnologia/whatsapp-baniu-400-mil-contas-do-brasil-durante-eleicoes-de-2018/>>. Acesso em: 11 de dez. de 2019.

SILVA, Sivaldo Pereira; BRAGATTO, Rachel Callai; SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e prática**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016.

SANTOS, Rhaiza. REZENDE Tamara Zazera. MARTINS, Mariane Batista. **Plano Estadual dos Direitos da Mulher: 2018-2021** Curitiba, PR : Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social (SEDS). 2018. Disponível em: </ http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/direitos_mulheres/planoestadual_direitosmulheres_2018a2021.pdf>. Acesso em: 11 de nov. de 2019.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ANEXOS

Postagens Analisadas

Período eleitoral:

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/205435850227638?_xts%5B0%5D=68.ARAu3kI0HF8t89vPsui3BHgD4AR2rEuk-kfj4kyCPTbCWziOg7eVPgWh_ObJjs028ANr6oYNwJPSqg-1TvWC1Rrnj59yAtuIHe160RIIUhSkIVel4aeETEhmAJBxvQI_ywolxEWv6M_JUpFxrReVJLrpnLKmvuloFTG9Y9CkVgbu35Ins14VB6ZEzPdStFrCymiewvinxu4VGHh5oSY_ZXyFzFI_rL5KTLd6JThwX5f7kh12hy_vxUMgWsZogmUYD6mdu8k2SY89GYDCXhNv35eyN3w_Y8Mzp6SIJE4OnUTtqdwjYRONcatixkdsO_cG1xhq1mWtyUrt_Z6XQ0U&_tn=-R

<https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/photos/a.195068411264382/203719670399256/?type=3&theater>

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/205149326922957?_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/205651410206082?_xts%5B0%5D=68.ARCQymbJLvCCznMsIQUl90WBc_eTMxNgVLkXziSmdq2YjP61LeWdMPyxwwIjJShKe3ADGeWQJS0yEbHjHRzGQWD7NnL9VJ_SopEwmDbaPSQ87Zz_hRdQCw9qQqOXwIbmL7fFzYS1143nApZCi6sWE_4fmQkdWV1NaeqKaxC7w2Ac9O7NGqqgIjIbMWlgv68zdhERFnl66Zdj-sTmQD-Ah4DG0XIQPpqKU18Y8MArTWN0ZLDV_RPxCFEUpw16SC7y6Xg8jHNe5q2TEw4efB3huUdkfSkK1FZsUCgguZERPpc8tH7DI7CzbpAs1pyxAB8xb4yQ9f-gRWQPCCREi--hH48QU21Kk_r9g72QRsfvclttIBKtw3ymRPkuXfUHY6-KzfJzdEX9OrhMQumcPz8iyXdLq7JFYnEGBQkbOpkS9baXj2AM1KuHOaaGjVD6ncRLS3TkqCYP2JLFlrhxIAVkdo5FwK7A6MDqU5hKBVytEAchA56Awb0UjQQ&_tn=-R

<https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/photos/a.195068411264382/205858450185378/?type=3&theater>

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/206475126790377?_xts%5B0%5D=68.ARCvka3HIJPjyDd3ONcEv2EjWqCwwNf0zFS0JjZKOaqaTIh0LILMjstNp9eKehmuxp-SddxdOD5zgyx4LBdfQtSmV6OLeROREd443Y49ewK_MTrSn84pvU1O7yMCOHy6S5yh4GDKxQvoGsMORSu-hbvMaUhpKFVA69aVHsca0yrDrj36ELsvnMK_d7NheW9z5QGv1SpYqn1GYvWTP8PuVUG-NxFdrWcBgQjUU-NPgKdeUS_8IwMfl_Op5LsxWW17ONl4czdrPz57VqV59J4PLeiCvIP_F5rV62_m6izLgqLiq92x9gOdj6VQF0z5fOOJtQbm3JF2116Cv3uGKBpRjZY7dDDiKAxalPtqB21WC-PSKYmQsvcOYrCp_jjS61gGhAs-M--cqRkPINV3yYMc2d95GfJjW3ueanoka5rghb_1XroD6Iwy5kMseJfLvIaU5HKz1k83bxQoC9wQMwr5dIkY-jFwZZcGtSWN8YGv8I_4zoE6M6UPA&_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/208671016570788?_tn=-R

Pós-posse presidencial:

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/229783531126203?_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/236690900435466?_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/photos/a.195068411264382/237001403737749/?type=3&_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/photos/a.194634067974483/237745380330018/?type=3&_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/240445093393380?_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/posts/241255216645701?_tn=-R

https://www.facebook.com/mulherescontraofascismo/photos/a.195068411264382/248843605886862/?type=3&_tn=-R